

La escuela rural en Colombia: Historias de vida de maestras. Mediados del siglo XX,
de Diana Elvira Soto Arango

Tunja: Fundación Fudesa, Hisula, Ilac, Shela, 2014. 216 p.

Mônica Maria Farid Rahme

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação –
 Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais - Brasil.
monica@ichs.ufop.br

A leitura do livro *La escuela rural en Colombia: Historias de vida de maestras. Mediados del siglo XX*, da pesquisadora Diana Elvira Soto Arango, nos permite realizar uma imersão na história social, cultural, política e econômica da Colômbia, em especial da Colômbia campesina, entre os anos de 1934 a 1978, período de exercício da docência em escolas rurais pelas duas *maestras* protagonistas do livro: María Andrea Linares de Rubio (1915-2001) e Amparo Arango Rincón (1926). Ambas originárias do *pueblo* de Yacopí, que contam com histórias familiares, escolares, políticas e de inserção na profissão distintas, ponto fortemente explorado no livro e que permite ao leitor construir representações significativas em relação ao lugar da mulher em um cenário patriarcal, à situação da educação escolar das populações campesinas e de seus professores, e sobre os impactos da situação política colombiana para os diferentes grupos sociais, sobretudo no que diz respeito à extrema violência experimentada no país a partir do assassinato do líder político liberal Jorge Eliécer Gaitán, em 1948, e que radicalizou as divergências existentes entre os Partidos Liberal e Conservador.

O livro nos indica que, se anteriormente, os filiados dos dois partidos mantinham uma convivência razoavelmente pacífica, instaura-se, então, um clima de insegurança e de hostilidade entre a população, o que afeta a atuação profissional de nossas protagonistas. Em contextos majoritariamente conservadores, Amparo, politicamente posicionada como Liberal, necessita, em vários momentos, silenciar seu pertencimento político a fim de garantir sua inserção social e profissional nos sítios onde chegava. Já Amparo, conservadora, vive a experiência de residir em um *pueblo* Liberal – Ibama – que é praticamente aniquilado por meio de incêndio, em 1952.

Boyacá, estado composto de vários *pueblos* e *veredas*, é a região primordial onde se encontram nossas protagonistas no exercício do magistério. A leitura do livro nos permite conhecer particularidades sobre os utensílios domésticos, as vestimentas, a alimentação, o mobiliário, as receitas de medicina caseira e popular cultivadas na região. Além disso, a riqueza presente no detalhamento de vários rituais tradicionais, relacionados a vivências domésticas e coletivas, aprofunda nosso olhar sobre as localidades citadas e seu cotidiano. Desse modo, aprendemos o quanto a prática do comércio, a frequência às missas de domingo e as festas dos *pueblos* aproximavam as pessoas do campo e da cidade. A autora chama nossa atenção, ainda, para a pouca mobilidade experimentada pelos camponeses durante o período abordado no livro, fazendo com que, muitas vezes, conhecessem apenas sua realidade local.

Diana Elvira Soto Arango elege o *imaginário social* como categoria de análise, o que lhe permite abordar as representações inscritas nas instituições sociais, e seus efeitos para a construção dos imaginários individuais, atravessados por ideologias políticas e sociais.

Ao longo da narrativa, encontramos informações importantes sobre a situação da educação escolar pública na Colômbia. Dados importantes são abordados nesse sentido, como o fato de o financiamento da educação decorrer dos impostos obtidos pela comercialização de bebidas alcoólicas e sobre o vínculo da educação pública com a Igreja Católica. Como experimentam nossas protagonistas, os professores tinham que se apresentar aos padres das Dioceses antes de assumirem seus postos nas escolas.

Dentre as diversas informações destacadas no livro, é interessante observar que Andrea atua como professora em quatro escolas distintas durante os 32 anos dedicados ao magistério. Amparo, por sua vez, assume a função docente em 15 escolas diferentes durante os 24 anos dedicados à profissão, sendo que muitos desses sítios se encontravam em localidades com pouquíssimo acesso, podendo a viagem durar até uma semana. Essas viagens eram feitas, na maior parte das vezes, em transportes conduzidos por animais, com paradas para dormir e se alimentar.

A formação escolar das protagonistas e seu engajamento em questões comunitárias e sociais também merecem destaque e nos permitem tecer ideias sobre a escolarização das mulheres naquele contexto. Andrea assume a profissão contando com o título de professora, obtido duran-

te sua escolarização em colégio interno. Amparo ingressa na docência na categoria de *aspirante* e, nos anos seguintes, inicia seu processo de capacitação, promovido pelo setor público. Andrea trabalha pela promoção da escolarização das mulheres e de grupos sociais com menor poder aquisitivo. Amparo assume diversas funções comunitárias nas localidades onde atua, como a realização de partos e a partilha de saberes sobre a medicina natural.

Amparo e Andrea ultrapassam o que era, convencionalmente, previsto para as mulheres de sua época: casar-se e ocupar-de da casa, do marido e dos filhos. Vemos que Andrea investiu fortemente na construção de uma outra possibilidade de inserção social das mulheres, vendo no ingresso no magistério uma concretização dessa possibilidade. No caso de Amparo, é interessante observar que é seu próprio pai, médico de importante reconhecimento social, quem a introduz nesse mundo não previsto para as mulheres de sua época, ao permitir-lhe acompanhá-lo em partos e pequenas cirurgias realizadas na região – fato que, certamente, teve desdobramentos para sua inserção nas comunidades locais.

Durante a leitura desse precioso livro, a autora nos mostra o quanto a escola rural foi, durante um longo período, a única instituição que presentificou o Estado nesse contexto, transmitindo os saberes da leitura, da escrita e das operações matemáticas, assim como os conhecimentos que veiculam princípios religiosos e de civilidade. Isso nos faz refletir sobre o lugar da educação escolar não apenas na realidade rural colombiana, mas na vivência campesina dos diferentes países que compõem a América Latina, suas identidades e distinções.

Por fim, o livro apresenta uma série de notas de rodapé, registro de imagens e anexos, que evidenciam um extenso trabalho de pesquisa da autora, bem como uma vontade de alargar as referências temáticas dos leitores. Além desses dados serem ricamente articulados durante a escrita do livro, sua exposição, do modo como é feita, permite ao leitor explorar e confrontar, também, suas próprias análises e visões.

Por tudo isso, a leitura de *La escuela rural en Colombia* é uma contribuição de extrema relevância para aqueles que se interessam pelo estudo da trajetória de professores no contexto latinoamericano e que buscam captar, em suas conexões, elementos que perfazem a história social, cultural, econômica e política de um país e de seu povo.